

A Academia de Letras da Bahia e seus presidentes: *dedicação à memória cultural*

Bruno Lopes do Rosário¹

A Academia de Letras da Bahia, instituição cultural fundada em 7 de março de 1917, data escolhida não por acaso (mesmo dia e mês da fundação da Academia Brasileira dos Esquecidos, 7 de março de 1724), tem por objetivos “*o cultivo da língua e da literatura nacionais, a preservação da memória cultural baiana e o amparo e o estímulo às manifestações da mesma natureza, inclusive nas áreas das ciências e das artes*”².

Nascia então uma instituição voltada à preservação da memória cultural da cidade, um espaço que se apresenta como palco de discussões, debates, palestras, lançamentos de livros e encontros permanentes dos maiores expoentes da nossa cultura.

Para o bom andamento dos trabalhos, a Academia, através de seu Estatuto e Regimento Interno, garante uma diretoria eleita a cada biênio. À diretoria compete dirigir os trabalhos da Academia, administrar-lhe o patrimônio, dentre outras atividades. Ao Presidente, cabe, na forma do art. 10 do Estatuto, a direção geral dos trabalhos da Academia, representá-la em juízo, ativa e passivamente, e nas suas relações com terceiros. Dessa forma, os presidentes eleitos, têm de toda forma a

responsabilidade e a honra de coordenar os trabalhos e participar ativamente das suas atividades diárias.

Nesta Academia os nomes destes (ex) presidentes dispensam elogios. O primeiro presidente foi Ernesto Carneiro Ribeiro, educador, apaixonado pela lingüística, sabia como ninguém as regras do bem falar e escrever a língua portuguesa. Exímio professor, estudioso incansável, foi escolhido para revisor do Projeto do Código Civil Brasileiro elaborado por Clóvis Bevilacqua, corrigindo-lhes as faltas relativas à linguagem. Esta se tornou polêmica pela condenação e críticas apresentadas por Rui Barbosa. Mas toda esta confusão rendeu-lhes trabalhos importantes como a *Tréplica* em resposta à *Réplica* do projeto apresentado por Rui Barbosa.

Seu sucessor foi o acadêmico Gonçalo Moniz de Aragão em função do falecimento do Prof. Carneiro Ribeiro. O Dr. Gonçalo Moniz faz assinar a Lei 1198, de julho de 1917, enquanto Secretário do Interior e Justiça e Instrução Pública, que considera de utilidade pública a referida Academia de Letras. Depois colaborou ativamente nas publicações da Revista da Academia, tendo sido o seu primeiro volume editado em 1930. Teve ainda papel importante com a sua atitude de defender com argumentos convincentes o direito e a participação da mulher na vida acadêmica, por ocasião da candidatura da Prof^a. Edith Mendes da Gama e Abreu, sendo voto vencedor.

No ano de 1921 toma posse o novo presidente da Academia, o competente historiador Braz do Amaral, que esteve à frente da casa até 1937 e que ocupou a cadeira de Sebastião da Rocha Pita.

Entre 1938 e 1944, são três os Presidentes desta casa. José Joaquim Seabra (ex-governador do Estado) que com todo o seu prestígio, lhe foi concedido à doação da casa da Praça 15 de Novembro (Terreiro de Jesus), onde

¹ Bruno Lopes do Rosário é historiador, especialista em História Social e Econômica do Brasil e Chefe do Arquivo da Academia de Letras da Bahia.

² Estatuto e Regimento Interno da Academia de Letras da Bahia. EGBA: Academia de Letras da Bahia.

passou a funcionar a nova sede, através do então Interventor Landulpho Alves. Acadêmico Carlos Ribeiro candente jornalista e jurista, era excelente em seus discursos e conferências, esteve na presidência nos anos de 1941-1942. Temos ainda de ressaltar a importância cultural de João Américo Garcez Fróes, que além de presidente desta casa (entre os anos de 1943-1945) foi também membro Honorário da Academia Nacional de Medicina no Rio de Janeiro.

Luis Pinto de Carvalho foi eleito presidente para o biênio de 1945-1946, estando à frente desta instituição até o ano de 1964, embora tenha sido ainda reeleito para o biênio de 1965-1966, falece em 1965, deixando um legado de mais de 50 trabalhos publicados entre livros, discursos, teses, relatórios. Até então foi o presidente que mais tempo levou ocupando este cargo.

Assumem sucessivamente entre os anos de 1966 e 1976 os acadêmicos Aloísio de Carvalho Filho, Thales de Azevedo, José Calasans, mons. Manuel de Aquino Barbosa, Estácio de Lima que participaram e contribuíram com brilhantismo para a manutenção e o bom andamento dos trabalhos da ALB.

Na história destes 90 anos de fundação da Academia, acadêmicos como Jorge Calmon e Hélio Simões estiveram à frente desta casa (entre 1977 e 1981) e como intelectuais que eram, entendiam a importância da ALB para a continuidade da preservação da

memória cultural do nosso Estado. O pavilhão anexo da biblioteca Dr. Jorge Calmon, foi assim chamada para homenagear este grande jornalista que dedicou boa parte de sua vida em nome da cultura e das letras, e que ocupou a presidência nos anos de 1977-1979 e fez de fato aplicar o lema: *Servir à Pátria honrando as Letras*.

A Academia de Letras esteve também muito bem representada e respeitada na gestão do Prof. Cláudio Veiga. Homem de elevada cultura e educação, dirigiu os trabalhos entre os anos de 1981 até o início de 2007, quando a ALB completou 90 de fundação em plena efervescência das suas atividades. Ficou 26 anos como presidente da Academia de Letras da Bahia. Dentre os seus valiosos trabalhos estão a *Gramática do Francês*, *Prosadores e Poetas na Bahia* e *Um Estudante em Paris*.

Atualmente a ALB é presidida pelo excelente educador e professor Edivaldo M. Boaventura. No seu trabalho como presidente inovou com a publicação trimestral do Boletim da Academia de Letras da Bahia, onde são editados artigos, informações de cursos, palestras e novas publicações dos acadêmicos. Além disso, pretende também fazer o lançamento do novo *site* da nossa Academia e a exposição da Galeria dos Presidentes, com molduras de todos os imortais que presidiram a Academia de Letras da Bahia. Uma justa e belíssima homenagem.

Referências

CALMON, Jorge e VEIGA Cláudio. *Oitenta anos da Academia/O Fundador*. Academia de Letras da Bahia. 1997.

ESTATUTO e Regimento Interno da Academia de Letras da Bahia. EGBA: Academia de Letras da Bahia.

REVISTA da Academia de Letras da Bahia. Vol. VIII, 1942, pp. 55-67 e 315-319.

REVISTA da Academia de Letras da Bahia. Vol. IX, 1949, pp. 291-296.

REVISTA da Academia de Letras da Bahia. Vol. XVI, 1955, pp. 119-131.

REVISTA da Academia de Letras da Bahia. Vol. XI, 1950, pp. 287-293.

REVISTA da Academia de Letras da Bahia. Vol. XVI, 1955, pp. 39-52.